

Curso de Formação de Professores em Iyengar Yoga com Rosana Seligmann (2017 – 2019)

UMA ENTREVISTA COM PRASHANTJI (SOBRE APRENDIZAGEM, ENSINO E TREINAMENTO)

Como você conseguiu entender o *yoga* e o *Guruji*?

Tive uma abordagem um pouco incomum do *yoga*. *Guruji* dizia ensinar *yoga*. Eu disse que, a menos que entendesse algo sobre o *yoga*, não o entenderia. Ele sempre fazia referência ao *Patanjali Yoga Sutras*, frequentemente citava o *Shiva Samhita* etc. Os outros olhavam para o que ele ensinava, como ensinava; eles não se preocupavam em investigar o tema *yoga*. Ele costumava dizer: “estou ensinando o assunto *yoga*”. Então pensei que deveria olhar para a matéria *yoga*. Foi muito mais tarde que consegui entender o que ele estava ensinando.

Quando criança (quando você tinha 8-10 anos de idade) o que você viu seu pai fazer?

Naquela idade só pude entender que ele estava fazendo algo com o corpo físico. Foi somente quando comecei a fazer eu mesmo aquilo — quando o corpo, a mente e a respiração interagiram e interagiram de maneira diferente em diferentes posições e geraram processos químicos — então comecei a entender e a compreender a dinâmica interna do que ele estava fazendo.

Mas, quando criança, o que você sentia quando perguntavam "o que seu pai faz?"

Não era um *status* para ele ou para nós dizer que ele era um instrutor de *yoga*. Meus amigos provocavam dizendo que meu pai era um "*gabudi*" — um artista de rua.

Isso não era uma coisa de prestígio?

De modo nenhum. Foi só quando ele foi para o exterior, ensinou a rainha, que as pessoas começaram a perceber que é um *status*. As pessoas o ridicularizavam. Ele foi chamado de “o louco que estava o tempo todo sobre a cabeça e, raramente, em pé”. No período de sua formação, ele fazia *Sirsasana* a qualquer momento para entendê-lo e a porta estava sempre aberta. Tínhamos duas salas, mas ele sempre mantinha a porta aberta. Só enquanto ensinava ele fechava a porta dos fundos. A da frente estava sempre aberta e as pessoas podiam vê-lo ensinar.

Você foi ressentido ou negativo sobre o que ele fazia por causa das provocações dos seus amigos?

Não. De fato não. Eu lutava contra eles.

Na década de 1940, não se promovia o *yoga* para a saúde ou como terapia. Como *Guruji* conseguiu ter confiança para assumir os casos de terapia e também ter sucesso com eles quando a comunidade médica falhou?

Foi a sua natureza arrojada. Ele deu passos muito corajosos. Como quando ajudou os Motis. Eles não tiveram filhos e perguntaram se *Guruji* podia ajudá-los. Aceitar desafios era sua natureza. Então ele trabalhava sinceramente para isso.

Como ele sabia o que tinha que ser feito para diferentes casos?

Ele estudaria em seu próprio corpo. Ele não tinha conhecimento de fisiologia. Então, se uma pessoa chegasse com um problema nos rins, ele estudaria — onde estão os rins. Nós tínhamos fascículos¹ das várias partes da anatomia e de fisiologia. Ele as observaria sinceramente. Então, praticaria em seu próprio corpo, veria como poderia trabalhar sobre o órgão afetado. Ele trabalhou muito duro. De certa forma, ele estudou depois que a pergunta chegou até ele. Foi um esforço muito sincero da parte dele. Ele sabia que não sabia, então ele daria início.

Havia alguma benção ancestral e ele conseguia soluções para seus problemas. Tinha alguma graça divina por trás dele. Não é humano assumir trabalhos hercúleos assim.

Existia essa coragem em algum dos seus irmãos?

Entre seus irmãos, nenhum tinha esse nível de coragem. Também veio dos ancestrais. C. Rajgopalchari ficou na casa da minha avó, ele estudou na casa dela. Minha mãe tinha uma mente de inclinação filosófica. Ela deu muito apoio e contribuições também. O avô de minha mãe era um grande estudioso e escreveu comentários sobre o *Bhagvad-Gita*. *Guruji* era impaciente e ela era a força que o guiava, já que era a personificação da paciência. Ela era muito inteligente e brilhante.

Quando as pessoas chegavam com doenças, no princípio elas tinham confiança ou fé nele?

Elas não vinham com fé. Elas desenvolviam a fé por causa da maneira dele trabalhar e de sua dedicação. Ele tinha limitações, mas desenvolveu maneiras de não expô-las. Ele não sabia inglês, mas uma vez que decidiu, foi atrás. A graça divina estava lá e ele teve sucesso. Ele obteve sucesso em tudo o que tentou.

¹ No original em inglês "laminated cards", que literalmente é "cartões laminados ou plastificados", o que não é usado normalmente em português. Optamos por FASCÍCULO (subs. Masculino. Bibliologia, editoração: cada um dos cadernos ou folhetos que integram uma obra maior e que vão sendo publicados por partes) que é mais usual em nosso idioma.

Ele quase não viveu com o seu *guru*. Viveu lá quando criança por quase dois anos e mais como um parente do que como um estudante. O que o fez aceitá-lo como seu *guru*?

Ele estava em uma condição indefesa. É verdade que ele "realmente" não o ensinou muito.

Embora *Guruji* tenha dito que aprendeu com sua experiência, ele sempre reconheceu seu *guru*, embora não tenha realmente aprendido muito com ele.

Ele lhe deu um ponto de partida, um caminho a percorrer. Deu-lhe um mapa, embora não o acompanhasse por alguns quilômetros. Essa era a maneira que ele tinha de ser ensinado. Se seu *Guruji* tivesse dado tudo mastigado, ele não teria aprendido. Esse foi o caminho para Krishnamachar ensinar ao Sundararaja. Presumia-se que *Guruji* tivesse um professor assim. Caso contrário, ele não teria começado.

Ele também conheceu muitos gigantes como Huxley e Krishnamurthy. Naquela época, *Guruji* não era culto e também não era experiente. Qual era o seu grau de confiança ao conhecer essas pessoas?

Ele aprendia lá e depois. Como ele foi até eles, como estava falando com eles, iria obter muitas coisas deles. Ele aprendia rápido. Aprendia muito rápido. Ele não hesitava. Nunca foi tímido, ou hesitante ou disse "deixe-me pensar sobre isso". Era sempre "sim, eu vou fazer isso!". Se algo surgisse em sua mente, ele o fazia. Ele não esperou por mentores.

Você frequentemente menciona que inicialmente não estava interessado em *yoga*, possivelmente porque estava mais interessado em música. Você tem alguma coisa contra o *yoga*?

Em alguma idade, especialmente se você é um menino, o que não é para meninas! A certa altura, senti que deveria fazer qualquer coisa, menos isso.

***Guruji* nunca obrigou todos vocês a praticarem?**

Nunca. Ele falava para os outros, mas não para nós, da família.

Em muitas famílias os adolescentes não querem fazer o que seus pais fazem. Foi isso?

Sim. Exatamente isso.

Foi apenas uma típica reação adolescente ou porque você estava preocupado em ser comparado com ele?

Eu via que minha natureza é o oposto da dele. Pensei que a música era o melhor para mim. O *yoga* exige trabalho duro, intenção, disciplina, diligência, natureza intransigente. Quando não tinha isso, achei que a música era para mim.

Eu não gostava de *yoga*, então não havia a questão da comparação. Na verdade, fui trabalhar depois da minha formatura. Então, meu professor de violino me disse: "Você não é uma pessoa que pode ter emprego". Eu fui a uma entrevista na Bajaj Automobile, mas meu professor disse que eu não deveria ter nenhum emprego.

Nesse ponto também, como pai, o *Guruji* não pediu para você entrar no *yoga*?

Não. *Guruji* viu que eu era bom em música e que estava bem encaminhado na música. Ele me deu liberdade para fazer o que eu gostava e não insistiu em um trabalho 'seguro'.

Quando tudo mudou e o *yoga* aconteceu?

Nos meus tempos de faculdade, comecei a praticar sozinho. Até então, não estava motivado. O potencial emergiu apenas em 1968-69, depois que terminei meus estudos. Eu não fui forçado, mas eu queria fazer *yoga* junto com a música.

Uma vez que você foi muito inspirado por Menuhin e Menuhin praticou *yoga*, isto não o inspirou a praticar *yoga*?

Não. Menuhin não fez *yoga* para o *yoga*! Ele fez *yoga* para a música. Mas isso não me influenciou. Meus potenciais filosóficos e *yoguis* surgiram depois da minha escolaridade.

Quando a música ficou em segundo plano?

Foi em 1972-73. Foi gradual, enquanto entrava mais no *yoga*. E, inicialmente, meu corpo ficava muito cansado e a música tomou o segundo plano.

***Guruji* estava feliz em vê-lo praticar?**

Sim. Mas naquele tempo eu era inibido. Antes de nos mudarmos para este lugar, praticávamos em casa. Mas quando nos mudamos para o Instituto, eu ia para o segundo andar, porque não tínhamos aulas. Ele ficava zangado: "Por que não pratica aqui no salão principal", onde ele estaria praticando. Eu queria fazer tudo sozinho.

Ele sabia o que eu poderia fazer, mas eu era inibido. Eu não queria mostrar para as pessoas o que eu fazia. Ele disse que eu deveria praticar no salão principal. Naquela época, as pessoas avaliavam você pelo que você poderia fazer. Então, eu praticava aqui. Geeta, Shah e eu estávamos lá em todos os intensivos.

Guruji era diferente com você, sendo seu filho, do que com o resto da classe?

Sim. Ele queria que eu aprendesse sozinho. Nas aulas de quinta-feira estávamos eu, Shah, Pandu, mais uns outros e alguns estrangeiros. Ele nos fazia fazer posturas de equilíbrio, *Viparita Chakrasana* e ele dizia: "Faça por conta própria". Ele queria que mesmo a Geeta aprendesse sozinha. Não recebemos nada mastigado. Naquela época também senti que deveria fazer por minha própria conta. Eu era muito pesado, então pensei por que deveria colocar meu peso sobre ele.

Entendi que tinha que aprender sozinho.

Houve uma cobrança para você aprender mais ou mais rápido?

Não essencialmente. Quando nós (Geeta e eu) fizemos a aula de *Pranayama* no 80º aniversário dele, perguntamos-lhe o que deveríamos fazer, já que antes não íamos ensinar, mas depois ele nos delegou isso. Então ele disse: "ensine *kumbhaka* hoje, mas não ensine *kumbhaka* físico, muscular." Uma vez ele me disse que eu estava ensinando muito fisicamente. É uma matéria filosófica. Senti que todos os outros alunos estavam ensinando fisicamente, então por que ele estava falando para mim? Então, percebi que essa não é minha característica. Ele não me disse o que é filosofia e como ensinar, mas direcionou-me neste sentido. Foi assim que ele me deu a dica.

Quando o *Guruji* dele veio a Pune, leu minha mente filosófica. Ele disse ao meu pai: "ele pode ler os *Upanishads*, mas não dê a ele o *Mundaka Upanishad*, pois é um *sanyas Upanishad*". Tive sorte em apreender o que estava escrito. Li o primeiro livro da *Gita Rahasya*, de Tilak, e não o achei difícil.

Você foi atraído pela filosofia por causa do Krishnarnacharji, que era muito erudito?

Não. Alguns potenciais estavam lá, em mim. Não fiquei impressionado com sua erudição. Eu não sabia tudo o que ele havia feito — seus quatro mestrados em um ano.

O que fez você começar a ler a *Gita Rahasya*?

Foi por acaso ou mais porque o potencial estava lá e veio à tona quando eu contava 20 anos.

Você leu a coleção de livros de *Guruji*?

Não. Muitos desses livros eram ingleses. Eu não lia em inglês. Eu ia para livrarias de livros de segunda mão. Durante 7 a 8 anos li por 7 a 8 horas diárias e todos eram livros sérios. Então, sugestionei-me a fazer anotações.

Como foi a reação do *Guruji* quando você começou a estudar?

Ele ficou muito feliz.

Você tem uma memória fenomenal, a qual não foi observada quando estava na escola?

Aquela memória é diferente. Esta é a memória *samskarica* que surgiu.

Ele alguma vez o aconselhou durante as aulas?

Ele sempre estava na aula. Suponha que eu dissesse algo, ele viria e melhoraria isso.

Hoje, está na moda fazer *yoga*. É muito diferente de quando você começou, deixado sozinho quando *Guruji* e você começaram a fazer *yoga*. Há muita comercialização. Qual é o seu conselho para os praticantes não caírem na situação de demanda e oferta, quando as exigências são tão altas?

Estamos em tal condição, que os conselhos não funcionarão. Chegou a esse ponto, na verdade. Tornou-se como uma profissão, uma carreira. Se alguém está com fome, você não pode dar conselhos sobre dieta. Eu gostaria que os estudantes ou seguidores do *yoga* se dedicassem pelo menos 10% ao objeto *yoga* e não apenas olhassem como isto lhes beneficiará na vida prática. Como se houvesse ciência pura apartada da ciência aplicada. Pelo menos dedique 10% do seu esforço no *yoga* em busca da matéria *yoga*, sem procurar benefícios, consumismo e como será benéfico.

Atualmente perdeu-se a condição de estudante. Você e eu não começamos *yoga* para nos tornarmos professores. Agora, eles vêm com a mentalidade de fazer do *yoga* uma carreira. E a carreira começa aos 20, 22 anos. Então, essa é a condição em que estamos hoje.

Isso é verdade lá fora, mas em nosso Instituto temos mais pessoas de meia-idade. Eles podem começar pela saúde; um grande número ainda começa interessado.

Os alunos não vêm aprender o objeto do *yoga*. Mas temos que introduzir o assunto pouco a pouco. Todos começam com segundas intenções. É dever dos professores afastá-los disso pelo menos 10%. Faça o resto para beneficiar a vida etc. Mas temos que lhes mostrar estas coisas, estas luzes. Esta é a responsabilidade dos professores. Mas os próprios professores não estão preparados. Você não pode esperar que uma criança de 25 anos ensine o assunto. Eles só vão mostrar os benefícios, uma vez que se tornou uma carreira, um negócio.

Quando começamos, nos inspiramos muito no *Guruji*. Mesmo quando começamos a ensinar, éramos trazidos de volta para a terra por *Guruji* e até hoje isso acontece quando chegamos ao Instituto.

Nossa geração está trabalhando bem, a nova geração não está inclinada a aprender. Eles estão olhando para isso como um negócio, uma profissão, um trabalho. Então, esta geração vindoura tem um problema. Nossa geração não teve esse problema. Nós nunca tivemos a intenção de ensinar o tema do *yoga*.

Então, quando um estudante de 20 anos se aproxima, não devemos encorajá-lo a fazer *yoga* como uma profissão de horário integral. Eles assumem sua vocação e também praticam *yoga*?

Eles podem assumir como uma profissão desde que estejam interessados e inclinados ao objeto do *yoga*.

Mas nessa idade é muito difícil saber se alguém está interessado ou inclinado à matéria. O seu caso foi raro.

Idealmente, o *yoga* deveria ser um serviço em vez de uma ocupação, um negócio ou uma profissão. É uma coisa diferente quando você já está maduro. Então você pode fazer isso como uma profissão. Mas se olharem para isso como "o quão lucrativa é essa profissão", perderão a condição de estudantes.

Na verdade, quando você fica mais velho, você assiste a alguns insucessos na vida, às dificuldades da vida; a maturidade vem e a arrogância da juventude não está lá: "Eu posso fazer todos os *asanas*, então eu sei tudo". Então, você sugere que deveríamos buscar uma profissão própria e fazer *yoga* paralelamente?

Isto seria muito melhor. Uma vez que você tenha amadurecido o suficiente, pode desistir do seu trabalho e dedicar-se inteiramente a isto. Mas se partir da motivação de como isso é lucrativo e posso torná-lo mais lucrativo... Torne-se maduro, aí você pode mergulhar nele. Eu sempre disse que bebês prematuros são um problema para as famílias e as sociedades. Os professores acabarão sendo um problema para aqueles que vão aprender com eles. Isso precisa ser analisado. Estamos formando professores prematuros porque existe uma "demanda". Quando você começa uma instituição, deve ter clareza se está aqui para servir as pessoas ou ensinar o assunto do *yoga*, preparando bons alunos que podem ser aprofundados e encharcados em *yoga*. Ou se quer apenas criar professores.

Quando começam, devem iniciar ensinar a uma ou duas pessoas e a pequenos grupos e não a uma turma grande. Quando eles comandam uma classe grande, a arrogância se

instala. Eles gritam, exigem, comandam, gritam. Perdem a condição de estudantes. Desenvolvem falsa convicção, poder, assertividade no ponto errado do tempo.

A condição de estudante é muito importante e deve haver um senso de servidão e um senso de humildade. O nome Iyengar tornou-se uma moeda! As pessoas estão usando o nome como pagamento, mas você tem que aprender e continuar aprendendo.

Tradutora: Geisa França

Revisora: Marcia Neves Pinto

(Entrevistado por Firooza Ali Razvi e Rajvi H. Mehta. Publicado em *Yoga Rahasya*, vol. 25, nº 3, 2018.)

ⁱ Ao pesquisar o nome C. Rajgopalchari encontramos referência somente a C. Rajagopalachari - Chakravarti Rajagopalachari (10 December 1878 – 25 December 1972).